

APRESENTAÇÃO

Esta nossa edição do Volume 8 Número 2 da Revista Feminismos corresponde ao período de maio a agosto de 2020, período esse de muita tristeza e angústia para todas e todos nós que prezamos a vida humana e a democracia em nosso país. Segundo dados computados pelo Consórcio de Veículos de Comunicação, nesse período, o total de casos de Covid-19 no Brasil cresceu de 498.440 pessoas testadas ‘positivo’ para 3.627.217 e, o mais triste, de 28.834 mortos para 115.451, respectivamente. Esse crescimento respondeu pela nossa colocação, desde maio, como o segundo país no mundo em casos confirmados e em óbitos da doença, só ficando atrás dos Estados Unidos. Uma tragédia anunciada, já por nós, mulheres, do #EleNão, cientes que estávamos desde setembro, de 2018, ser o candidato da direita à presidência um genocida em potencial. E, agora estamos constatando que, de fato, estávamos certas ao afirmarmos #euavisei! Vivemos um momento trágico da história mundial e profundamente triste no Brasil, sem termos um plano seguro de contenção dessa doença terrível que tem deixado tantas famílias no desespero, seja por perderem entes queridos, seja por estarem sem recursos, muitas passando fome!

Assim mesmo, vemo-nos na contingência de ir tocando as tarefas do dia a dia, dando conta das nossas responsabilidades do trabalho, levando nossas vidas dentro do isolamento social e, muitos e muitas de nós, com o coração nas mãos!

É, pois, dentro desse contexto de angústias e insegurança que temos trabalhado para atualizarmos nossa Revista, depois do sufoco que passamos com os hackers. Vê-la chegando (quase) lá, dentro do que propomos, é o que tem compensado termos passado esses vários meses em isolamento social, trabalhando em casa, cumprindo esta tarefa. Esperamos, pois, que esta edição possa prender seu interesse para os artigos, ensaios e documentos, que aqui reunimos, e que possam eles contribuir para reflexões que orientem nossas lutas para a construção de uma sociedade mais justa, mais segura e mais saudável para todas e todos nós.

Abrimos este número com a seção de “artigos”, tendo **O Pensamento Complexo e Teoria**

Feminista: Possibilidades para um Diálogo, de Vivian Veiga da Silva, socióloga, Professora Assistente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como carro chefe. Partindo da constatação de que a “teoria feminista é uma construção científica e acadêmica elaborada a partir da atuação dos movimentos feministas” e que esses movimentos, por sua vez, “se organizam a partir de diferentes vertentes e objetivos, expressando a multiplicidade das experiências das mulheres”, faz-se necessário pensar esse campo teórico “de maneira complexa.” Nessa perspectiva, o artigo traz uma proposta instigante de diálogo entre a teoria feminista e “o pensamento complexo elaborado pelo teórico francês Edgar Morin, como forma de superar a visão simplista e unidimensional e construir um conhecimento mais amplo.”

Segue-se o artigo, **A Pesquisa Científica a Partir de Olhares Feministas**, de Gabriela Maria Farias Falcão de Almeida, também socióloga e jornalista, que nos instiga a pensar “o que se constitui fazer uma ciência feminista”, apoiando-se, para tanto, em um diálogo com diferentes autoras que têm se mostrado “preocupadas com a produção do conhecimento”, fazendo a crítica à “pseudoneutralidade da produção do conhecimento científico.”

O artigo seguinte, **A Importância do Nome Social para Autoaceitação e Aceitação Social do Público Trans**, de autoria de Ticiano Damasceno Cerqueira, Alessa Montalvão Oliveira Denega e Andréa Sandoval Padovani, todas elas psicólogas, nos traz uma importante reflexão sobre “o processo de aceitação pessoal e social da pessoa trans para o uso do seu nome social”, a partir do registro e análise de entrevistas narrativas com um homem trans e uma mulher trans. Essa análise mostrou que “o nome social é a concretização do sentimento da pessoa em relação ao seu gênero de escolha.” Contudo, as autoras concluem argumentando que, apesar dos muitos esforços registrados no sentido do reconhecimento da população trans, ainda temos um longo caminho pela frente, “de enfrentamento às violências, tendo em vista assegurar os direitos humanos e promover uma mudança sociocultural pautada no respeito à diversidade.”

Na sequência, temos mais um artigo do campo da psicologia feminista, qual seja, **Atravessando caminhos: escutas e narrativas possíveis entre**

psicanálise e feminismo, de Fernanda de Oliveira Alves, Cláudia Maria Perrone, e Nikelen Acosta Witter. Baseado em uma pesquisa que teve a “perspectiva de uma *flânerie* como processo de investigação”, o artigo nos oferece o testemunho de três psicanalistas brasileiras, Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat e Miriam Chnaiderman, buscando costurar um diálogo entre psicanálise e feminismo, diálogo este visto pelas autoras como “necessário ao desenvolvimento de ambas as teorias no que se referem ao sujeito, a cultura e a vida em sociedade.”

Neste número, apresentamos na seção de ‘documentos’, **Confronting Backlash Against Women’s Rights And Gender Equality In Brazil: A Literature Review And Proposal**, o documento base da proposta com o mesmo título, que integra o programa de pesquisa e intervenção para investigar, enfrentar e reverter a onda “anti-gênero”, em especial, as reações contrárias à igualdade de gênero e à conquista dos direitos das mulheres no Brasil. Trata-se de um programa sendo desenvolvido pelo Institute of Development Studies – IDS, da Inglaterra, com o apoio da Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional – SIDA, em resposta ao “backlash” dessa ordem, que vem se manifestando como tendência crescente em âmbito mundial na última década, promovida por movimentos conservadores e autoritários, fundamentalistas. O documento apresenta uma perspectiva histórica dos nossos avanços e presentes retrocessos no que tange aos direitos das mulheres e equidade de gênero, destacando as questões principais que serão aprofundadas na pesquisa, com ênfase na resistência dos movimentos feministas.

Incluimos aqui, também, um ensaio, intitulado, **Gênero, Poder e Violência: Breve Ensaio Sobre Origem e Manifestações do Poder Patriarcal**, de autoria de Ana Carolina de Moraes Colombaroli e Vanessa Ribeiro do Prado, que tem como objetivo maior “compreender a origem e finalidade da ideologia do binarismo de gênero”, a partir da análise de diversas teorias distintas. Como conclusão, o ensaio propõe o “retorno ao ser universal, que reúne em si todas as qualidades ditas femininas e masculinas: o Ser Humano como gênero.”

Segue-se o dossiê, **As Múltiplas Facetas Da Violência De Gênero No Brasil**, organizado por Cecilia Sardenberg, da nossa Equipe Editorial, reunindo uma série de sete artigos “voltados para questões referentes às violências de gênero, que foram

submetidos à Revista Feminismos no último ano, de forma independente, ou seja, sem uma chamada específica de trabalhos.” Eles bem ilustram, cada um deles, “uma diferente faceta dessas violências, que precisam ser visualizadas, discutidas e combatidas, razão pela qual fomos motivadas a organizar este dossiê.”

Fechamos este número com a **Entrevista: Movimentos de Mulheres Negras em Espaços De Poder**, com Vilma Reis, socióloga com uma longa história de militância nesses movimentos, entrevista esta realizada por Charlene da Silva Borges, defensora pública e aluna do PPGNEIM/UFBA.

Por fim, queremos aqui agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a publicação desta nossa edição, desejando ao nosso público uma boa leitura e muita saúde!

Saudações feministas!

Equipe Editorial: *Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecilia M. B. Sardenberg, Clarice Pinheiro, Josimara Delgado, Maíse Zucco, Márcia Santana Tavares, Teresa Sacchet.*

Disclaimer: A edição dos artigos é da responsabilidade das autoras e autores. A seleção dos artigos incluídos nos dossiês é da responsabilidade das/dos organizadoras/es.